

# JUVENTUDE, CULTURA E LINGUAGENS NA DÉCADA DE 1960

Por Teresinha Queiroz\*

**Resumo:** O artigo analisa a juventude brasileira na década de sessenta a partir das tensões no âmbito da linguagem, dos espaços conquistados nos campos da cultura e dos costumes, do lugar da música na sinalização da abertura para o mundo em mudança e da imposição autoritária de alguns poucos sentidos para a história, como os sentidos da política e do gênero.

**Palavras-chave:** Brasil anos 60; juventude; política; gênero.

É usual pensar-se que a reflexão, o conhecimento e a produção do novo nascem sempre do desejo. Entretanto, as produções mais fecundas também nascem da insatisfação com o que está posto, da insuficiência das soluções já propostas e da incapacidade de encontrar respostas satisfatórias no espectro do real conhecido. Parto, aqui, de uma ideia bastante geral, a de que a década de 1960 está marcada por leituras e aprisionamentos redutores e já pouco capazes de dar conta de novas necessidades de compreender de forma mais complexa aquele rico período da história brasileira, história que então se universaliza a passos rápidos.

No sentido de contribuir para a expansão do debate em torno do período, gostaria de propor alguns questionamentos e sugerir, talvez, alguns campos possíveis de pesquisa. Quero recuperar algumas possibilidades de investigação em torno de quatro eixos principais: as tensões no âmbito da linguagem; os espaços conquistados pela juventude em colisão com as velhas estruturas e, em especial, no campo da cultura e dos costumes; a música sinalizando a abertura para o mundo e a imposição autoritária de alguns poucos sentidos para a história, como os sentidos da política e do gênero.

No que concerne às linguagens, sugiro o plural, desde que o jogo do poder e a força impositiva do novo na década de 1960 se expressam e se constituem no âmbito das mais diversas linguagens. Trata-se de uma época de quase incomunicabilidade entre gerações e entre frações do social e de composição de repertórios próprios de grupos. É significativa a invenção da língua dos jovens e a comunicação dirigida pelo uso de gírias, tão específicas e tão remarcadoras de um social em ebulição e em intensa criação de novos arranjos sociais, prefiguradores de formas novas de

experimentação grupal e de vivência urbana. O fecundo laboratório que é a vida urbana recobre-se de coloração especial com essa intensificação de contatos entre jovens; contatos agora mediados por um conjunto de aparatos técnicos e informativos advindos da abertura do País a uma cultura mundial em rápida expansão. Essa expansão corporifica-se não somente nos novos artefatos que alteram e revolucionam o consumo, mas que igualmente estabelecem novas formas de sociabilidades, que colidem com as sociabilidades do passado. Tudo nesse conjunto de mudanças na década de 1960, no Brasil, contribui para a tribalização dos jovens. É possível destacar nesse conjunto que as identidades se constroem segundo as aproximações físicas propiciadas pela música, pelas danças, e também pelo partilhar de informações de revistas dirigidas a esse novo segmento consumidor. É necessário lembrar que o consumo dos artefatos técnicos e dos objetos, não necessariamente novos, expande-se especialmente entre as populações urbanas e os rearranjos sociais ocorrem em torno de TVs, rádios, vitrolas, no consumo partilhado de livros e revistas, no deglutir de informações de todos os recantos do mundo.

Essa urbanidade tecnologicamente mediatizada vai recortando o social de maneira barulhenta. Não é sem significado que os ruídos praticados pela juventude urbana do período e que se preservam na memória e na história rebatem no *rock and roll*, no arranhar estridente das guitarras, na sonoridade extravagante das lambretas, no arrancar dos automóveis que são o sonho da juventude dourada e da não tão dourada, com seus delírios de velocidade e de distinção social. Essa distinção social guarda íntima e estreita relação com a construção das novas subjetividades e com a busca da diferença, em momento em que o

emergente desejo do único está radicalmente ferido pelo movimento mais geral de ampliação das classes médias, de homogeneização via escolarização e consumo, enfim, pela ameaça real da avassaladora sociedade de massa.

Parcela da música do período, vista pelo crivo do hoje como um misto de pretensão e ingenuidade, é reveladora desse processo de subjetivação dos jovens, em tensão e na contramão dos ventos mais fortes da massificação. Ouçamos Eduardo Araújo (1967) a bradar, em alto e bom som, aos quatro ventos:

%Ah! Meu carro é vermelho / Não uso espelho pra me pentear / Botinha sem meia / E só na areia eu sei trabalhar / Cabelo na testa sou o dono da festa / Pertenço aos dez mais / Se você quiser experimentar / Sei que vai gostar. [...]+

Eduardo Araújo é seguido por sugestivo coro: %le é o bom, é o bom, é o bom+(IMPERIAL, 1967). Ou Roberto Carlos, após abandonar seu Calhambeque e exibir-se em um Cadillac, desafiar as curvas da estrada de Santos, imprimindo um significado rebelde, mas igualmente desalentado, à velocidade de seu potente automóvel. Automóvel que possibilita a embriaguez dos sentidos e afasta momentaneamente a solidão, neutralizando a dor do distanciamento espacial e temporal da amada:

%Eu prefiro as curvas / Da estrada de Santos / Onde tento esquecer / Um amor que eu tive / E vi pelo espelho/ Na distância se perder [...]+ (CARLOS; CARLOS, 1971).

É curioso observar que quase se confundem, nesses novos processos de subjetivação dos jovens, o carro, o espelho, o eu, e um elemento novo - o tempo vago, disponível, fruído com prazer ou não, mas permitido por sociedades e culturas com acumulação suficiente para o deleite consumista de alguns, especialmente da classe média urbana.

Essas novas situações sociais, intensificadas a partir dessas sociabilidades em construção, repercutem e reverberam no campo das linguagens, instituindo novas formas de expressão que constituem um vocabulário particular. Talvez nesse aspecto o movimento da Jovem Guarda seja o exemplo mais completo da expressão de uma jovem classe média urbana, consumidora e igualmente produtora de artefatos, objetos e significações. Com o intuito de ilustrar essa inserção na produção e no consumo, deve ser

lembrado que os componentes principais da Jovem Guarda faziam o *marketing* de um *mix* variado de produtos, especialmente no ramo do vestuário (PAIANO, 1996).<sup>1</sup>

A invenção de novas linguagens pelos jovens remetia não apenas à emergência de novas configurações sociais que se operavam pelo deslocamento dos lugares de jovens e não jovens, mas igualmente a fraturas no corpo da juventude. Essas fraturas apareciam em formulações do tipo bom moço, bom rapaz, boa moça, moça de família, transviado, maconheiro e outras expressões do vocabulário da época. A depender do lugar em que se buscava situar o jovem, era até necessário pedir desculpas, como o fez Wanderley Cardoso, ao justificar o fim de um namoro (NUNES, 1967, grifos nosso):

%Barece que eu sabia / Que hoje era o dia / De tudo terminar / Eu logo notei / Quando telefonei / Pelo seu jeito de falar / Eu nunca pensei / Quem eu tanto amei / Fosse assim me desprezar / [...] / Se amar demais / Ser um *bom rapaz* / Foi o *meu mal*.+

Neste recorte, aparecem claramente as novas exigências para o ser homem e a referência a modelos de masculinidade não mais aceitos por todos os jovens. Por contraste, vislumbra-se a valorização de um perfil de namorado distanciado do bom rapaz, agora detentor de virtudes vistas como do passado.

As palavras cortam, como armas do consumo cultural inovador desse tempo, as rígidas estruturas advindas das décadas anteriores, lugar da experiência dos pais desses jovens então nominados como puritanos ou avançados, de família ou transviados, subversivos ou o futuro da nação. Vistas de agora, as palavras da década de 1960 já sofreram a seletividade do tempo, já foram consumidas no voraz processo da transformação dos significados - apreendidos, porém, igualmente esvaziados e reduzidos pela mutação da história. Desenraizadas e deslocadas, muitas das expressões da década de 1960 são hoje apenas simulacros, pois as palavras têm vida e força e são produzidas e consumidas como todos os artefatos sociais.

Se, de um certo ângulo, é possível pensar a década de 1960 como de construção de um novo mundo e de novas significações, não necessariamente totalizadoras, para os jovens, e que novas palavras e novos significados são matéria-prima e veículo do tempo, é igualmente

possível pensar a linguagem como sendo e instituindo poder para além do mundo da juventude. A linguagem é o lugar da identidade, do encontro dos iguais, mas, ao mesmo tempo, o lugar da tensão, da colisão, do conflito. Em relação às palavras, novas e velhas, elas suscitam medo e recusa, operam distanciamentos.

Torquato Neto, operador por excelência da palavra, em cuja coluna do jornal *Última Hora*, *Geléia Geral* (CASTELO BRANCO, 2004), assume-a em diversos formatos - cartas enviadas, cartas recebidas, transcrições de autores, traduções, letras de músicas, poemas, textos memorialísticos, crônicas ligeiras - é o exemplo mais acabado desse sentimento, partilhado no período, de medo e de recusa às palavras e de pavor aos estilhaços de seus múltiplos significados. O medo da palavra só encontra paralelo no medo do silêncio - horror igual em fração dessa juventude.

Entretanto, com esta referência a Torquato Neto, migra-se para outro recorte da juventude dos anos 1960. A coluna *Geléia Geral* era dirigida para um público jovem, sintonizado com as novidades da cultura nacional e internacional, politizado, de classe média, que não apoia o *sistema*, decodifica as mensagens do articulista e domina seus códigos de expressão. Aqui a linguagem é essencialmente lugar de recusa ao político, de construção de um novo modo de inserção no mundo e também um registro do uso intensivo e, às vezes até abusivo, de gírias. Do repertório em comum com a *Jovem Guarda* aparecem, dentre outras: amizade, bicho, transa, barra limpa, legal, pirado, por fora, maneiro, fogo, chato, barra pesada, quadrado, lance etc. e todo um conjunto de variações.

A invenção de uma nova linguagem, a língua da juventude, especialmente da juventude urbana de classe média, dourada, transviada, e mesmo a da fração militante, é sobretudo a invenção de uma arma poderosa que esgarça e fatia o social, operando principalmente os afastamentos e as delimitações de campos no conjunto do social e no interior de sua frações. Trata-se, em termos mais gerais, de uma verdadeira dialetização da língua, os dialetos assumidos como expressões de lugares, configurando deslocamentos e afirmando os novos enraizamentos juvenis.

Os novos modos de expressão não se circunscrevem aos campos da fala, desde que a construção de novas subjetividades, no período,

impossibilita dissociar esses modos novos de expressão dos objetos e das representações que os significam. Assim, Erasmo Carlos, o Tremendão, só se expõe e é apropriado enquanto tal, a partir de todo um aparato que reifica o consumo das novas indústrias de massa. O Tremendão, assim o faz, na mediação de seu carro de luxo, de suas calças *jeans*, de suas reluzentes botas, dos colares, dos cintos, das pulseiras, todos artefatos com suas respectivas e exaustivamente divulgadas marcas. Deve ser lembrado que os ídolos do momento vendiam tão somente tudo: discos, *shows*, revistas, livros, roupas, acessórios, calçados, instrumentos musicais, automóveis, e que esse movimento, como outros em escala mundial, inaugurou a febre de consumo que conhecemos em décadas mais recentes, e de que os fenômenos Xuxa, Angélica e Luciano Huck são catalisadores possíveis.

Mantidas as devidas diferenças quanto ao modo de colocar-se no mundo, e em face da situação política vigente, sobretudo após o AI-5, de dezembro de 1968 (VENTURA, 1988), essa indissociabilidade entre o ancorar-se, o refletir, o expressar-se e o consumir é absolutamente perceptível na juventude dita militante, objeto de maior interesse e do maior cuidado dos defensores, militares ou não, do regime forte então instituído. Outra vez, o exemplo mais acabado e sobretudo por ter a forma do fragmento diário de um jornal, é o verdadeiro mercado que é a coluna *Geléia Geral*. Torquato Neto (2004) expôs e vendeu, e com embalagens da maior qualidade e refinamento: artistas nacionais e internacionais de diferentes tendências musicais, de Ângela Maria aos *Beatles*, passando por quase todos os baianos, pelos compositores da bossa nova, tendo como produtos principais Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Betânia; vendeu cinema e todos os artefatos que permitiam realizar esta forma, para ele, de guardar, proteger, preservar e mostrar, para além da censura institucional, o Brasil que era escondido pelos militares; vendeu instrumentos musicais, exposições, discos a mãos-cheias, revistas, instalações e, claro, *shows*, *shows* e mais *shows*. Eventualmente, sugeriu o consumo do teatro; vendeu Londres, Paris e Nova Iorque, cosmopolita que o é. A coluna era uma verdadeira ode ao consumo. E Torquato anunciou, sem pudor: *comprem, comprem, comprem*.

No caso de Torquato Neto, essa embriaguez de consumo foi sobretudo fundada nas possibilidades

. que a economia do período permitia realizar . da juventude carioca classe média e zona sul. Um mercado extraordinário que só encontrava paralelo em outras grandes cidades brasileiras. O Rio de Janeiro e São Paulo, de onde partiu o fenômeno Jovem Guarda, foram os lugares da produção e as vitrines dos modos e modas dos jovens brasileiros de todos os rincões e que assimilavam, com as características e limitações locais particulares, esses modelos avassaladores. Os aparelhos de rádio que habitavam em milhões de lares brasileiros, a rápida expansão dos sinais de TV pelo Brasil e as centenas de impressos de circulação nacional foram alguns dos mediadores desses novos modos e modas. A intensa penetração do novo no mercado foi acompanhada de não menores e extraordinárias reações. O Brasil na década de 1960 foi, sem dúvida, um laboratório de experimentações, mas igualmente um campo de guerra.

Dito desta forma, pode parecer que se está fazendo referência a uma ilha . a ilha Brasil, vigiada e protegida pela sombra verde do militarismo. Nada mais equivocado do que pensar o Brasil descolado ou dissociado dos vendavais da economia e da cultura que se mundializa a passos rápidos. Não é necessário abandonar a juventude e seus modos de expressão para realçar essa simbiose. Tomemos como recurso uma banda de penetração mundial, *The Beatles*, o modelo mais perfeito do novo formato da revolução social, ícone da juventude e horror dos seus pais . em face de toda a simbologia que ligava o conjunto às formas de desobediência, mostradas no vestuário, no consumo de drogas lícitas e não lícitas, na criação dos próprios estilos, na liberação da sexualidade, na recusa ao casamento e na irreverência na escolha dos parceiros, na sedução advinda da erotização dos ritmos, nas ênfases conferidas ao barulho e ao que era visto como seu corolário, a violência. A esses estilhaços de significados podem ser aduzidos outros e sugeridas novas leituras. Tomemos a clássica *Imagine*, de John Lennon, verdadeira oração à paz e à concórdia, em um tempo de guerras, de intolerância, de tensão cultivada entre metades que dividiam o mundo e em que o Oriente, ainda debaixo de nossos pés, e onde Lennon foi buscar Ioko Ono, era alvo dos maiores preconceitos e do maior desconhecimento.

Imagine there's no heaven / It's easy if you try /  
No hell below us / Above us only sky / Imagine  
all the people / Living for today / Imagine there's

no countries / It isn't hard to do / Nothing to kill  
or die for / And no religion too / Imagine all the  
people / Living life in peace / You may say I'm a  
dreamer / But I'm not only one / I hope some  
day you'll join us / And the world will be as one /  
Imagine no possessions / I wonder if you can /  
No need for greed or hunger / A brotherhood of  
man / Imagine all the people / Sharing all the  
world / You may say I'm a dreamer / But I'm not  
only one / I hope some day you'll join us / And  
the world will be as one / (LENNON, 1971).

Com a maior delicadeza, John Lennon pôs sob suspeição alguns dos valores mais caros à experiência social do Ocidente: a crença no paraíso e no inferno, o valor da guerra, o nacionalismo, a propriedade privada, realçando a utopia da paz e do sonho compartilhado. Esse sonho coletivo era o da juventude de todo o mundo, que se opôs ao estabelecido dos adultos e da tradição.

Ao tempo em que John Lennon descobria o Japão e era seduzido pelas alternativas de uma outra cultura . aderindo a uma outra filosofia, experimentando outra religião, adotando novos costumes no cotidiano e escolhendo uma mulher asiática, ~~uma~~ alternativa para desespero das ocidentais que lhe devotavam inominável ódio -, a Inglaterra, país-síntese da guerra entre as gerações e sede indiscutível do principal movimento jovem da década, ditou as novas tendências do vestuário masculino e feminino e impôs os longuíssimos cabelos que aproximam homens e mulheres e confundem sua identificação, em um contexto em que a moda masculina também se feminizava, ganhando ajustamento ao corpo, detalhes e uma infinidade de acessórios. A paquera, palavra nova, revelou o novo costume inglês cosmopolita, invenção dos aglomerados urbanos que passou a vigorar em todo o mundo, mote da possível aproximação entre rapazes e brotos, os últimos vestidos no rigor da moda ditada de Londres. O reinado era da minissaia e dos vestidos tubo, geométricos, de Mary Quant, e as garotas, que mostravam pernas e barrigas em profusão, já se encaminhavam para o formato, hoje dominante nas passarelas, da anorexia, cujo padrão da época era a modelo Twiggy.

Em espaços mais abertos, tropicais e iluminados, o nosso ~~mei~~+da juventude, Roberto Carlos, sugeria o modelo de broto digno de uma paquera e que, com certo esnobismo diferenciador, chamava a atenção para os seus dotes, a moeda

do momento. Anova garota ideal assim era cantada (CORRÊA; GONÇALVES, 1971):

Essa garota é papo-firme / É papo-firme, é papo-firme / Ela é mesmo avançada / E só dirige, em disparada / Ela adora uma praia / E só anda, de minissaia / Está por dentro de tudo / E só namora / Se o cara é cabeludo / [...] / Manda tudo pro inferno / E diz que hoje / Isso é moderno [...].

Essa garota papo-firme constituiu o perfeito contraste da garota triste, romântica, derrotada e suicida no percurso da história amorosa pessoal, cantada por Martinha, e significada nela mesma no papel de apaixonada pelo "eu". Nada mais cafona que a letra da canção, também interpretada por Roberto Carlos (MARTINHA, 1968):

Eu daria minha vida para você voltar / Eu daria minha vida para você ficar / Já não tenho nada, a não ser você comigo / Sei que é preciso, esquecer mais não consigo. / Eu daria a minha vida para lhe esquecer / Eu daria minha vida para não mais lhe ver [...].

Na época em que a canção foi composta, a palavra ficar ainda significava permanecer.

A figura da jovem anêmica, desesperançada e sem a presunção up-to-date e sofisticada dos brotos automobilizados, já agradava somente à parcela dos jovens, às suas mães das gerações precedentes e, talvez, ao bom rapaz, versão masculina da moça-de-família. Não é à toa que, no imaginário da época, Roberto Carlos preferia Wanderlea, mineira, conservadora, porém, disfarçada de moderna e, para escândalo nacional, casou-se com uma mulher mais velha, desquitada, versão tupiniquim a catalisar o ódio de que Ioko Ono era alvo em escala mundial.

Na contramão também do modelo de subjetividade cantado por Wanderley Cardoso, em "O bom rapaz", já vimos que a garota papo-firme só gostava de cabeludos. As dores e as fraturas do mundo, em macro e em microdimensões estavam postas nas experiências que os jovens estavam inventando para si.

Nada mais interessante do que observar, apontando para essas fraturas, a letra de "Panis et Circencis", de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que remarcou o distanciamento entre gerações e a ruptura de interesses no interior da família (PAIANO, 1996, p. 64):

Eu quis cantar / minha canção iluminada de sol / soltei os panos sobre os mastros no ar / soltei os tigres e os leões nos quintais / mas as pessoas na sala de jantar / são ocupadas em nascer e morrer / mandei fazer / de puro aço luminoso punhal / para matar o meu amor e matei / às cinco horas na avenida central / mas as pessoas na sala de jantar / são ocupadas em nascer e morrer / mandei plantar / folhas de sonho no jardim do solar / as folhas sabem procurar, procurar / pelo sol e as raízes procurar, procurar / mas as pessoas na sala de jantar / são ocupadas em nascer e morrer / essas pessoas na sala de jantar / essas pessoas na sala de jantar / essas pessoas na sala de jantar.

Ao tempo em que o personagem narrador ocupava-se em cantar sua canção iluminada de sol, soltar tigres e leões nos quintais, fazer de aço um luminoso punhal, matar o amor às cinco horas na Avenida Central, plantar folhas de sonhos no jardim do solar, ou seja, em subverter a ordem do mundo, as pessoas na sala de jantar permaneciam indiferentemente ocupadas em nascer e morrer.

De forma alegórica e figurativa, o jovem, aqui um militante de esquerda, fazia arte, fazia política, consumia e ia a apologia da maconha e constatava que, qualquer que fosse o seu ato, ele não reverberava na sala de jantar, figuração do estabelecido - poder e família, ou os poderes em todas as suas teias sedentárias.

Com esta sucinta abordagem acerca de possíveis aproximações ao tema juventude, cultura e linguagens na década de 1960 no Brasil, espero ter contribuído para iluminar alguns flagrantes dessas relações, evidenciando que esse universo jovem em mutação comportou significados que iam para além dos recortes da política, nas suas vinculações com o estado autoritário e para além da centralidade que era posta na revolução sexual.

#### Nota

(1) A propaganda da Coleção Jovem Guarda ilustra as tensões da década de 1960 entre as gerações: "[...] o guarda-roupa é uma das áreas críticas na guerra travada entre os jovens e os mais velhos. Os barralimpas se recusavam sistematicamente a envergar uma beca igual à dos mais velhos. Porém, Confecções Camelo acaba de eliminar pelo menos essa área de atrito. E aí está o Roberto Carlos que não nos deixa mentir, moral!" (PAIANO, 1996, p. 38).

**Referências**

- ARAÚJO, E. *O bom*. Rio de Janeiro: Odeon, 1967. 1 disco sonoro.
- CARLOS, R.; CARLOS, E. As curvas da estrada de Santos. Intérprete: Roberto Carlos. In: CARLOS, R. *Roberto Carlos*. Rio de Janeiro: CBS, 1971. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.
- CASTELO BRANCO, E. A. *Todos os dias de Paupéria: uma contra-história da Tropicália*. 2004. Tese (Doutorado em História) - Univerdade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- CORRÊA, R.; GONÇALVES, D. É papo-firme. Intérprete: Roberto Carlos. In: CARLOS, R. *Roberto Carlos*. Rio de Janeiro: CBS, 1971. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.
- IMPERIAL, C. O bom. Intérprete: Eduardo Araújo. In: ARAÚJO, E. *O bom*. Rio de Janeiro: Odeon, 1967. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.
- LENNON, J. Imagine. Intérprete: John Lennon. In: LENNON, J. *Imagine*. Ascot (UK), 1971. 1 disco sonoro.

MARTINHA. Eu daria minha vida. Intérprete: Martinha. In: MARTINHA. *Martinha*. Recife: Rozenblit, 1968. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

NUNES, G. O bom rapaz. Intérprete: Wanderley Cardoso. In: CARDOSO, W. *O bom rapaz*. Rio de Janeiro: Copacabana, 1967. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

PAIANO, E. *Tropicalismo: bananas ao vento no coração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1996.

TORQUATO NETO. Última hora: geléia geral. In: PIRES, P. R. (Org.). *Torquatália: geléia geral*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. v. 2. p. 197-381.

VENTURA, Z. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\* Professora do Departamento de História e Geografia e do Mestrado em História do Brasil/UFPI

# ESCRAVIDÃO E VIOLÊNCIA: debates e tendências na historiografia piauiense

Por Débora Laianny Cardoso Soares\* e Solimar Oliveira Lima\*\*

**Resumo:** o ensaio objetiva apresentar a relação escravidão e violência na historiografia piauiense. Para tanto, diferentes abordagens apresentam as relações escravistas no Piauí. A partir da segunda metade do século XX, inicia-se a estruturação das visões do cativo assentadas em fontes documentais que resultaram em interpretações que defendem o paternalismo, a violência e o consenso social.

**Palavras-chave:** Escravidão. Relações escravistas. Violência.

O trabalho escravizado na economia pastoril constitui-se tema central na historiografia sobre a escravidão no Piauí. Embora assegurando a presença e a importância dos trabalhadores escravizados na estrutura produtiva, os estudos indicam certa dualidade de padrão de relações escravistas que pouco contribui para a compreensão das raízes da formação social. O debate concentra-se na relação violência-escravidão e possibilita a estruturação de correntes teóricas que podem ser identificadas nos seguintes posicionamentos: defesa das relações paternalistas, defesa das relações marcadas por violência apresentando duas tendências, sendo uma marcada por diferenciação de tratamento para escravizados privados e públicos e outra pela resistência para superação do domínio escravista; e defesa de relações consensuais com resistência e acomodação dos escravizados. A gênese da interpretação pode ser encontrada em memorialistas e viajantes dos séculos XVIII e XIX, que legaram leituras sobre a sociedade piauiense e as relações escravistas a partir de um mundo rural marcado por trabalho compulsório aleatório e acessório na lide campeira e relações brandas de controle (cf. GARDNER, 1942; ALENCASTRE,

1981; SPIX; MARTIUS, 1981).

Salvo engano, somente na segunda metade do século XX iniciaram-se as pesquisas históricas sobre a formação social piauiense, resultando nas primeiras páginas sobre o cativo piauiense, elaboradas com base em documentação oficial. Trata-se de pesquisas para a história do Piauí, de 1966, do historiador Odilon Nunes (1996). A obra é uma sistematização da história do estado e apresenta em um capítulo destinado a análise do processo abolicionista a visão do autor sobre a escravidão. As páginas buscam negar a violência, minimizar a presença dos escravizados e apresentar uma sociedade paternalista. Em rigor, trata-se de uma leitura requentada dos viajantes, especialmente Spix e Martius (1938), que pouca importância deram ao trabalho feitorizado no criatório. Odilon Nunes (1996, p. 63), porém, superou seus antecessores ao apresentar os cativos como parte do contexto familiar senhorial:

...] ordinariamente, tratava de modo paternal sua escravaria, e ainda melhor tratava, se era ele pobre, pois disporia apenas de escravos como serviçais, para pajem, ou trabalhos domésticos, e desde então ficavam integrados na vida familiar como criados.+

A citação parece exemplar. Para sustentar sua